

“Sempre Verde, Incompleto, Experimental!”

A antropologia de Gilberto Freyre

Claudio Marcio Coelho¹

Resumo: Este ensaio busca compreender o pensamento antropológico do intelectual pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987). Para tal, investigaremos “algumas” matrizes teóricas e metodológicas que inspiraram sua formação antropológica. Nossa discussão partirá das obras que influenciaram direta e indiretamente o pensamento freyreano. Desta forma, rastreamos as influências que recebeu do filósofo-sociólogo inglês Herbert Spencer – a *relatividade do conhecimento* e a *conciliação dos opostos* – e do antropólogo alemão Franz Boas – o *culturalismo “americano”*. Isto posto, apresentaremos uma breve discussão da antropologia de Freyre na perspectiva de alguns críticos de sua obra. Por fim, demonstraremos algumas aproximações entre o “fazer antropológico” freyreano e a discussão do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira sobre o “trabalho do antropólogo”.

Introdução

*Essa história de raça,
Raças más, raça boas
– Diz o Boas –*

*É coisa que passou
Com o franciú Gobineau
Pois o mal do mestiço
Não está nisso.*

*Está em causas sociais,
De higiene e outras que tais:
Assim pensa, assim fala
Casa Grande & Senzala.²*

¹ *Cientista Social* (2000) e *Historiador Social* (2007) formado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Obteve menção honrosa e indicação para publicação de sua Tese de Mestrado intitulada “**Gilberto Freyre: indiciário, emoção e política na casa-grande e na senzala**”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas/CCHN/UFES – Vitória/ES, 2007. É Coordenador Administrativo do NEI – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais/UFES. É instrutor do Curso de “Introdução ao Indiciário”, realizado pelo NEI. Contato pelo e-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

² “Casa-Grande & Senzala”, poema publicado em 1949 (Mafuá do Malungo), *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974. p.397.

O acirrado debate em torno das proposições de Gilberto Freyre coloca em lado opostos pensadores consagrados em diversas áreas do conhecimento. Lucien Febvre e Fernand Braudel³ consideram Freyre um “escritor sensível à matéria palpável” (Ventura, 2000: 15). Peter Burke (1991: 116) lembra que Braudel esteve no Brasil nos anos 30, quando ministrou aulas memoráveis na USP. Naquela ocasião, conheceu Freyre e ficou impressionado com a representação da casa-grande como microcosmo e “metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata”. Braudel reconheceu *Casa-Grande & Senzala*⁴ como uma obra pioneira em ciências sociais. Como vemos, os mestres da Sorbonne reconheceram o livro como clássico e ao mesmo tempo moderníssimo.

Roger Bastide costumava chamar Freyre de ‘*Proust da Sociologia*’. O próprio autor confessou sua inspiração proustiana. A influência de Proust revestida de “introspecção meticulosa e emocionada do passado” manifestou-se em Freyre de forma enriquecedora (Reis, 2001:52). Freyre descreveu o passado de forma realista como se tivesse ele mesmo vivido os acontecimentos narrados. O autor revelou e expressou o misterioso como algo que lhe parecia familiar, íntimo, pessoal.

Roland Barthes também declarou sua admiração pelo autor, e considerou a obra CGS uma importante renovação nos estudos históricos e sociais. Barthes lamentou que a França (ainda) não tenha um intérprete dos primeiros séculos da sua formação do gabarito de Freyre. Para Barthes,

³ Lucien Febvre escreveu o prefácio da edição francesa de CGS que recebeu o título de *Maitres et Esclaves* (1952) e foi traduzida por Roger Bastide. Para Febvre, Freyre não ofereceu respostas fortes, mas convidou os leitores a refletir sobre o século XX. Febvre considerou CGS um enorme painel do passado. Um passado pensado a partir de preocupações sobre o futuro: seria possível uma única civilização na qual todos poderiam encontrar sua pátria cultural? Fernand Braudel escreveu a apresentação da edição italiana de CGS, intitulada *Padroni e Schiavi* (1965). Braudel afirmou que o estilo de Freyre assemelha-se ao de uma “sereia”, pois o autor seduz seus leitores através de uma linguagem musical irresistível, proporcionando-lhes um prazer físico, concreto que se revela numa viagem literária por paisagens tropicais luxuriantes (Reis, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 55).

⁴ O livro é o primeiro da grande obra intitulada *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Publicado em 1933, tornou-se um clássico da sociologia brasileira, destacando-se com *Evolução política do Brasil* (1934), de Caio Prado Júnior e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Darcy Ribeiro destacou sua importância e comparou seu reconhecimento ao lado de *Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Nele, o autor descreveu a formação do país com um pé na cozinha e com um olhar que mirou o canavial da perspectiva do alpendre.

Gilberto Freyre apresenta o homem histórico quase sem o desprender do seu corpo vivo, o que importa na quase realização da quadratura do círculo dos historiadores, o ponto último da investigação histórica, o empenho de Michelet e de Bloch agora atingido por alguém que possui o senso obsessivo da substância, da matéria palpável, do objeto vivo. Nisto parece ultrapassar os historiadores-sociólogos da Europa como Marc Bloch e Lucien Febvre e na verdade excede Kayserling, podendo ser comparado apenas com Michelet. É lamentável não ter tido ainda a França um intérprete assim dos primeiros séculos da sua formação⁵.

Mas Freyre enfrentou opositores ilustres. O sociólogo Florestan Fernandes elaborou duras críticas às proposições freyreanas. Fernandes acusou Freyre de mascarar as relações de violência e exploração dos índios e negros na formação da sociedade brasileira. Para Fernandes, a obra *CGS* representa um verdadeiro ocultamento da dominação. Freyre negligenciou as relações de poder, preferindo as descrições folclóricas e o enaltecimento das virtudes portuguesas. A ênfase nas relações afetivas e sexuais entre senhores e escravas ocultou o racismo, a violência e a dominação. Freyre adocicou a violência por interpretar a escravidão a partir do olhar do dominador.

Para Fernandes, Freyre construiu uma idéia de ‘*democracia racial*’⁶ em um país marcado pelo preconceito racial, e pela exploração dos descendentes dos grupos indígenas e afro-brasileiros.

⁵ Roland Barthes (Paris). *A crítica*. In: 50 anos de casa-grande & senzala: exposição itinerante. Catálogo organizado por Mário Chagas e Carlos Antônio Reis. Recife: Editora Massangana, 1983. p.19.

⁶ Muitos leitores desavisados ou desatentos imaginam que o termo ‘*democracia racial*’ foi cunhado pelo próprio Gilberto Freyre. O rastreamento das obras de Freyre revela que o autor jamais utilizou este termo como conceito ou proposição de qualquer ordem (seja literária, científica, política etc.). De fato, o conceito foi elaborado por seus críticos como resultado da leitura das proposições freyreanas sobre a os encontros confraternizantes entre as raças formadoras da sociedade brasileira. Para F.H. Cardoso, a idéia de ‘*democracia racial*’ precisa ser encarada sem maniqueísmo. Deve ser criticada porque “contém um elemento de despiste, de mistificação mesmo. Mas também contém um elemento de verdade”. Hermano Vianna é mais enfático e denuncia a negligência e o tendenciosismo presentes na crítica ideológica. Vianna lembra que o livro clássico de Freyre (*CGS*) descreve minuciosamente diversos momentos de violência, crueldade e sujeição dos grupos explorados, a saber, os índios e negros e seus descendentes. Para Vianna, esta crítica oculta a riqueza da perspectiva inaugurada por Freyre que (também) valorizou os encontros afetivos entre dominadores e dominados. Freyre jamais negou ou descartou a violência e a dominação neste contexto, apenas não limitou sua análise a tal perspectiva (Carvalho, Mario Cesar. *FHC fala sobre Gilberto Freyre*. p.9-10; Vianna, Hermano. *Equilíbrio de antagonismos*. p.21-2. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! da Folha de S. Paulo. São Paulo, março. 2000).

A escola marxista da USP (F. Fernandes, Otávio Ianni, F.H. Cardoso, Carlos Guilherme Mota, Maria A. Medeiros, Mariza Corrêa, entre outros) atacou veementemente o conservadorismo de Freyre e reforçou a acusação de que a concepção freyreana da casa-grande constituía uma visão histórica da elite: elogio da dominação e eclipsamento das contradições de classe e até mesmo de raça. Freyre encobriu sob fórmulas “regionalistas” e “universalistas” o problema das relações de poder, eliminando as possibilidades de caracterização efetiva do senhorio dominante e dos setores dominados. Elaborou uma perspectiva marcadamente funcionalista e psicológica do social. Difundiu uma perspectiva ideológica da cultura brasileira baseada na plasticidade e no hibridismo inato que herdamos dos portugueses. Freyre elaborou uma teoria não conclusiva e ideológica – revestida de ecletismo metodológico, erudição e estilo literário. Os elementos culturais foram hiperdimensionados prejudicando o trabalho de reconstrução histórica em sua totalidade.

Alguns pensadores contemporâneos estão se esforçando para superar a dicotomia teórica que isola as possibilidades, e que ofusca a compreensão. F. H. Cardoso foi aluno (e discípulo) de Florestan Fernandes. Cardoso participou ativamente do núcleo duro dos cientistas sociais da USP. Recentemente foi convidado a escrever a apresentação da edição comemorativa dos 70 anos de CGS. A apresentação de Cardoso denuncia a intenção (talvez velada) de se redimir com o autor duramente criticado pela escola paulista de sociologia. Para Cardoso,

Os críticos nem sempre foram generosos com Gilberto Freyre. Mesmo os que o foram [...] raramente deixaram de mostrar suas contradições, seu conservadorismo, o gosto pela palavra sufocando o rigor científico, suas idealizações e tudo o que, contrariando seus argumentos, era simplesmente esquecido. É inútil rebater as críticas. Elas procedem. Podem-se fazê-las com mordacidade, impiedosamente ou com ternura, com compreensão, como seja. O fato é que até já perdeu a graça repeti-las ou contestá-las. Vieram para ficar, assim como o livro. É isso que admira: “Casa-Grande & Senzala” foi, é e será referência para a compreensão do Brasil [...] De alguma forma Gilberto Freyre nos faz fazer as pazes com o que somos. Valorizou o negro. Chamou nossa atenção para a região. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com

mais força do que todos, que a mestiçagem, o hibridismo e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil (Cardoso, 2003:5; 7).

A polêmica entre os entusiastas e oponentes de Gilberto Freyre e de sua obra clássica poderia se estender por páginas. Corroboro as palavras de Cardoso quando reconhece que “é inútil rebater as críticas”. Elas “procedem”. O fato é que apesar das limitações, CGS, “foi, é e será referência para a compreensão do Brasil”.

Pretendemos a superação da perspectiva centrada no pensamento dual. Na monotonia do duplo. Na oposição excludente. O raciocínio baseado em categorias como “certo” ou “errado” anula a relatividade do conhecimento e a complementaridade entre os elementos da realidade. Reconhecemos a legitimidade das críticas apresentadas, mas duvidamos das intenções de quem as fez. Infelizmente não temos espaço (neste ensaio) para discutir esta questão. Mas ainda assim duvidamos se as críticas são de caráter meramente científico ou se escondem à disputa intelectual e acadêmica entre dois centros do conhecimento: Pernambuco e São Paulo. A escola marxista paulista atirando dardos inflamados contra outras correntes do conhecimento. Críticas científicas blindadas pela ideologia política-acadêmica.

Nossa intenção neste trabalho é a investigação das raízes da antropologia de Gilberto Freyre. Para tal, lançaremos mão das proposições do historiador Carlo Ginzburg⁷. Em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, do livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), Ginzburg propõe uma intrigante

⁷ Carlo Ginzburg é professor de *História Moderna* desde 1988, leciona atualmente na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Seus trabalhos apresentam perspectivas polêmicas e inovadoras, o que lhe permite a apreensão de categorias de correntes como a *História das Mentalidades*, a *História Cultural* e a *Micro-História*. O autor publicou livros importantes como *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1987), *Andarilhos do bem* (1988), *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), *A micro-história e outros ensaios* (1991), *Relações de força* (2002), *Nenhuma ilha é uma ilha* (2004). Ginzburg é um especialista em processos da inquisição. Até seus críticos mais contundentes reconhecem a imaginação e ousadia com que constrói suas hipóteses e arrisca conclusões surpreendentes. Ademais, todos os seus ensaios e livros valorizam a erudição no ofício do historiador.

arqueologia do *Paradigma Indiciário*⁸. Neste ensaio, o autor apresenta uma pesquisa sobre as raízes de um método investigativo centrado na análise dos pormenores, das minúcias, dos detalhes reveladores. Este modelo epistemológico “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas” por volta do final do século XIX. Para Ginzburg, este paradigma embora seja “amplamente operante de fato, ainda não foi teorizado explicitamente” (Ginzburg, 1989: 143).

Ginzburg analisa as proposições teóricas e metodológicas do médico e especialista em arte Giovanni Morelli, do médico e escritor Conan Doyle (criador do famoso personagem-detetive Sherlock Holmes) e do médico e psicanalista Sigmund Freud. O método morelliano consistia na investigação dos detalhes ínfimos de obras de arte pictórica. Através da análise destas minúcias seria possível comprovar a autenticidade ou falsidade destes quadros. Na literatura de ficção policial de Conan Doyle, o famoso detetive (Sherlock Holmes) desenvolveu um brilhante método de investigação criminal baseado na análise de pormenores desprezados pela polícia londrina. Sigmund Freud desenvolveu um método de análise psicológica baseada na investigação dos elementos inconscientes da personalidade. Nos três casos o princípio fundamental da análise é a investigação dos *detalhes ínfimos* – infinitesimais – desprezados pelo olhar desatento. Estes detalhes são encarados como *indícios* que podem revelar aspectos maiores, isto é, *pistas* que podem conduzir o pesquisador à resolução do enigma. Mas os *indícios* só podem ser identificados pela investigação minuciosa, que chamamos de *rastreamento*.

No diário pessoal e no prefácio de *CGS*, Gilberto Freyre revelou pormenores sobre as influências que recebeu de seus mestres. Também registrou acontecimentos que marcaram o seu amadurecimento intelectual. O *rastreamento* destas fontes revelou *indícios* que confirmam a admiração de

⁸ As proposições guinzburguianas sobre as raízes do *Paradigma Indiciário* nas ciências humanas e sociais resultam (principalmente) dos estudos apresentados a partir de 1980, com a elaboração de dois ensaios marcantes: *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico* (reprodução, com algumas variantes, de uma comunicação lida no congresso “*Le Annales e la storiografia italiana*” em Roma (1979), publicado no livro *A micro-história e outros ensaios* (1989)) e *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, do livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1986).

Freyre pelo filósofo inglês Herbert Spencer e pelo antropólogo alemão Franz Boas. Influências que marcaram toda a obra do pensador pernambucano.

Nossa discussão partirá das obras que influenciaram direta e indiretamente o pensamento freyreano. Como estas influências contribuíram para o amadurecimento intelectual do autor? Quais conceitos e métodos foram absorvidos por Freyre? Como Freyre reinterpretou estas influências para uma leitura regional e nacional? Estas perguntas indicam a direção que pretendemos seguir nesta análise.

1. Herbert Spencer: a perspectiva conciliadora e o critério da relatividade do conhecimento.

Herbert Spencer (1820-1903) – Filósofo nascido em Derby (Inglaterra). Sua teoria evolucionista considerava a predominância do indivíduo sobre a sociedade e do homogêneo sobre o heterogêneo. Também considerava a ciência como um saber parcialmente unificado. Spencer realizou estudos políticos e econômicos como engenheiro e jornalista. Foi subdiretor do jornal *The Economist* de Londres. Escreveu *Social statics* (1851), *Principles of psychology* (55) e *Education: intellectual, moral, physical* (61). Como filósofo escreveu *System of synthetic philosophy*, obra que representou uma tentativa de síntese das produções filosóficas, científicas e religiosas de sua época. Composta por livros de diferentes áreas. Os principais volumes foram preparados ao longo de vários anos: *First principles* (62), *The principles of biology* (64-67), *The principles of sociology* (76-96).

Spencer foi um pensador de tendência positivista. Mas rompeu com a pretensão de uma ciência fechada, soberana, isto é, de um cientificismo que exclui da “verdade” outras possibilidades de acesso à realidade. Afirmava que o Absoluto não pode ser apreendido pelo conhecimento, pois o Absoluto é incognoscível.

Freyre admirava Spencer ⁹ desde os quinze anos. Considerava Marx mais “genial” e “brilhante”, mas alegava que a atualidade da sociologia de Spencer era superior a de Marx. Freyre considerava o pensamento de Spencer importante para compreensão do desenvolvimento e da evolução das sociedades modernas. Um dos aspectos que fascinou o jovem admirador do filósofo inglês foi o traço característico da cultura inglesa que considerava marcante e invejável: o pendor para a compensação e o equilíbrio. A habilidade inglesa de contemporizar, harmonizar e equilibrar forças em oposição, antagônicas. Este “dom angélico” presente na obra de Spencer despertou impressões marcantes em um jovem preocupado com o “problema do conhecimento” e com o “problema de sua missão”. Aos dezesseis anos, Freyre registrou em seu diário sua repugnância por “todas” as “formas” de sectarismo, bem como suas críticas as “rígidas ortodoxias”: não queria ser “mediocre”.

Para Freyre, Spencer era um pensador que se filiava à “tradição de equilíbrio intelectual”. Equilíbrio que tanto admirava: o pensador moderado, avesso aos extremos, que evita as conclusões enfáticas.

Em sua grande obra *First principles*, Spencer dedicou cerca de cem páginas à discussão sobre o conhecimento. Defendeu a conciliação entre ciência e religião. Pretendia a superação da disputa suscitada por Darwin em *A origem das espécies* (1859). Spencer procurou mostrar que a verdade “geralmente se encontra na coordenação de opiniões antagônicas”. A ciência e a religião possuem parcelas da verdade. Também defendeu a “relatividade de todo conhecimento” – um dos capítulos dos seus *Primeiros princípios*. Esta relatividade decorre da aceitação de um princípio geral: a inteligência humana é incapaz de atingir o conhecimento absoluto dos fatos, por isso, os julgamentos humanos não são totalmente bons nem totalmente maus. A

⁹ Freyre sempre citou Spencer com respeito. De fato, Spencer foi carinhosamente citado como “meu velho Spencer”. O pensador inglês também foi muitas vezes retomado pelo autor. Releituras sobre conciliação, relatividade, ética. Para se entusiasmar pelos EUA - “sociedade ultraburguesa” (em 1918). Principalmente para compreender aspectos sociológicos e psicológicos da “*História da vida de menino no Brasil*” (em 1925). Pretendia escrever um livro pioneiro: “...talvez um livro ...originalíssimo”. Poucos anos depois mudou o título e ampliou o enfoque de seu livro, que chamou de “*Casa-grande & senzala*” (1933). Spencer aparece nas citações de Freyre como alguém próximo e querido, como um mestre, um sábio, que poderia recorrer sempre que necessário.

realidade é complexa e multifacetada. Esta complexidade nos escapa na sua totalidade. Não podemos interpretar a realidade a partir de categorias polarizadas e excludentes: esquemas de polarização como “certo” ou “errado”, “bom” ou “mau”, “preto” ou “branco” etc. Para Spencer, esta postura teórica e metodológica é insustentável.

Spencer também rompeu com a concepção de A. Comte – seu contemporâneo – de que assim como os fatos naturais, os fatos sociais (e entre eles o conhecimento científico) seguem uma sucessão determinada no tempo e no espaço.

Os homens, adverte Spencer, impõem ao mundo exterior um arranjo que tem origem na limitação da consciência humana. E porque se sentem obrigados a escolher alguma ordem ao agrupar os sistemas do conhecimento nos livros, eles são muitas vezes levados a crer que a ordem escolhida realmente representa os fatos. Caem, portanto, na falácia absurda de imaginar que a natureza “consultou a conveniência da feitura de livro!”¹⁰.

A perspectiva conciliadora de Spencer – entre realismo e idealismo ou empiricismo e transcendentalismo – foi atacada por pensadores de sua época que consideravam suas idéias “incoerências fundamentais”, um “compromisso impossível”, e até mesmo, “um insulto ao espírito”. Mas Spencer rebatia as críticas afirmando que suas tentativas de reconciliação eram rejeitadas por causa do “espírito de não compromisso”, pois cada um dos lados se julgava possuidor de “toda verdade”. O sectarismo leva os grupos opostos a defender sua posição como única alternativa possível e válida.

O conceito de “equilíbrio dos antagonismos” ocupa um lugar central na teoria evolutiva de Spencer. No universo, coexistem – em todos os níveis – forças antagônicas que necessitam de equilíbrio. Equilíbrio que constitui a condição fundamental para o qual a evolução se dirige. Evolução que em todos os seus

¹⁰ Pallares-Burke, Maria L. G. *Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano*. In: Kosminsky, E. V., Lépine, C., Peixoto, F. A. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. p. 107-8.

aspectos constitui um “avanço para o equilíbrio”. Os conflitos operam como “instrumentais” para a evolução social. Mas sem o equilíbrio desses antagonismos não há evolução.

Freyre assimilou a postura conciliatória de Spencer. Desejava ver a realidade social, e particularmente o Brasil pela lente conciliatória. Por isso, admirava a relatividade teórica e metodológica presente no pensamento de Spencer. Esta relatividade não deve ser confundida com o relativismo exacerbado que tudo aceita. Relativismo revestido de ceticismo que apregoa a impossibilidade de toda certeza. Mas uma relatividade baseada no reconhecimento da complexidade da realidade e das limitações humanas sobre o que diz respeito à “verdade” sobre esta complexidade.

A conciliação representou, neste contexto, o amadurecimento intelectual de um jovem pensador que encontrou no “velho Spencer” a chave para a superação dos sectarismos ou das rígidas ortodoxias – a mediocridade. Freyre afirmava que os homens não podem ser compreendidos por categorias excludentes, pois não são “isto ou aquilo”, mas ao contrário, são “isto e aquilo”. Freyre encontrou em Spencer o suporte teórico necessário para a superação da proposição razão versus desrazão ou realismo versus imaginação. Freyre interpretou a conciliação de Spencer como reconhecimento da complementaridade entre os fatos. A busca da inter-relação entre os fenômenos da realidade exigiu de Freyre o amadurecimento do pluralismo teórico e metodológico. Pluralismo insipiente, pois faltava o contato com outros pensadores e correntes ainda por vir ¹¹.

2. Franz Boas e a antropologia culturalista “americana”.

Franz Uri Boas (1858-1942) – Físico e Antropólogo nascido na cidade prussiana de Minden (Vestfália). Estudou física em Heidelberg, Bonn e Kiel. Em

¹¹ Pallares-Burke, Maria L. G. *Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano*. In: Kosminsky, E. V., Lépine, C., Peixoto, F. A. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. p. 103-12

1881, defendeu dissertação sobre a absorção da luz pela água. Interessou-se pelo estudo da psicofísica desenvolvida por Gustav Fecher. Buscava compreender a relação entre as sensações físicas e a percepção psicológica. Estudou geografia com Theobald Fischer. Em Berlim conheceu Adolf Bastian, patriarca da antropologia alemã e diretor do Museum für Völkerkunde (Museu do Folclore). Por influência de Bastian, Boas interessou-se pela antropologia e ficou ligado ao museu. Estudou técnicas de antropometria com o médico-anatomista Rudolf Virchow.

Em 1883, partiu para uma expedição à ilha Baffin (Canadá), para estudar os esquimós. As observações geográficas resultantes desta expedição foram publicadas no livro *Baffinland* (1885) e as de caráter etnográfico foram publicadas na obra *The central eskimo* (1888).

Em 1885, Boas voltou a ser assistente de Bastian na catalogação de coleções etnográficas. Habilitou-se como *privatdozent* de geografia na Universidade de Berlim.

Em 1886, realizou uma expedição à província canadense de British Columbia. Visitou várias tribos. Entre elas as Kwakiutl. Estava interessado em pesquisar sobre línguas e mitos e reunir objetos para coleções museológicas.

Em 1887, transferiu-se definitivamente para os EUA. Os primeiros anos foram difíceis, mas aos pouco conseguiu consolidar seu reconhecimento. Entre 1897 e 1902, realizou uma expedição para investigar afinidades e relações entre a Ásia e o Noroeste Norte-Americano, conhecida como Jesup North Pacific Expedition. Tornou-se professor efetivo da Universidade de Columbia.

Boas escreveu *Handbook of north american languages* (1911), *The mind of primitive Man* (1911), *Primitive art* (1927) e *Anthropology and modern life* (1928). Seus principais discípulos foram: Alfred Kroeber, Edward Sapir, Robert Lowie, Ruth Benedic, Margareth Mead, Melville Herskovits e o brasileiro Gilberto Freyre.

Boas discutiu as linhas gerais de seu pensamento em diversos artigos, conferências e trabalhos científicos. Trabalhos apresentados na revista acadêmica *American anthropologist*, que ajudou a criar e publicar em 1899. Também na *American anthropological association*, criada em 1902, quando foi seu vice-presidente, e no *American committee for democracy and intellectual freedom*, como um dos fundadores, em 1939.

No artigo *As limitações do método comparativo* (1896), Franz Boas criticou as posições teóricas e metodológicas dos antropólogos evolucionistas. Na segunda metade do século XIX, os estudos de E. Tylor (*Primitive culture*, 1871), Lewis H. Morgan (*Ancient society*, 1877), e Sir James Frazer (*The golden bough*, 1890-1915) defendiam o método comparativo de análise e reconstrução da história da cultura. Estes antropólogos reafirmavam a história unilinear da cultura humana. Realizavam suas investigações a partir dos relatos dos viajantes e missionários, dos relatórios de colonos e de outros registros de terceiros. Não realizavam pesquisa de campo. Interessavam-se principalmente pelo estudo das sociedades antigas (os aborígenes australianos), do parentesco, da magia e da religião. Esta antropologia pretensamente científica não valorizava as particularidades históricas e as singularidades culturais. Ademais, também desconsideravam a importância da investigação das categorias mentais ou psicológicas dos povos estudados. Suas análises e pesquisas de gabinete assumiam o caráter universalista. Buscavam as leis gerais da evolução cultural humana. Negavam a superioridade racial, mas reafirmavam a superioridade cultural européia – segundo o critério tecnológico.

Boas criticou veementemente esta corrente. Seus primeiros estudos questionavam a plausibilidade das premissas defendidas pelos evolucionistas. Boas reconhecia a multiplicidade de caminhos na formação e desenvolvimento dos fenômenos culturais. Para Boas, a história humana é multilinear, isto é, não existe “*História Humana*” ou “*Cultura Humana*”, mas “*histórias*” e “*culturas*” com especificidades que não podem ser apreendidas por conceitos evolutivos universais. As sociedades obedecem a dinâmicas próprias, muito embora os contatos e as guerras promovam a dominação cultural. De qualquer forma, não podemos afirmar “que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os

lugares” como afirmavam os evolucionistas. O pesquisador precisa considerar as particularidades da cultura estudada.

Boas considerou a importância dos estudos de Friedrich Ratzel e W.J. McGee sobre as influências dos fatores geográficos sobre as relações sociais e sobre a cultura. Considerou também os estudos de Stoll sobre os efeitos dos fatores psicológicos na cultura dos povos. O método de estudo e pesquisa defendido por Boas estava baseado no estudo detalhado e minucioso dos fenômenos culturais em sua relação com a cultura total.

Para Boas, o método de pesquisa deve ser construído durante o trabalho de campo. Boas resumiu os parâmetros da pesquisa antropológica: valorizar as influências dos fatores geográficos e psicológicos na cultura; investigar as causas históricas particulares da cultura – o método de pesquisa histórica assumiu importância fundamental para Boas: a investigação histórica deve assumir o caráter de teste crítico da ciência antes de admitirmos os fatos apresentados como evidência; as evidências devem ser testadas pela uniformidade dos processos e pelas conexões históricas plausíveis; o pesquisador precisa identificar e interpretar a relação entre os fenômenos pesquisados; os fenômenos culturais devem ser encarados como processos e os indivíduos como atores sociais ativos; os aspectos psicológicos estão contidos nos resultados da pesquisa histórica.

Em *Os métodos da etnologia* (1920), Boas defendeu a importância das pesquisas detalhadas. Reafirmou sua opinião de que o problema histórico não pode ser resolvido com uma fórmula científica. Todo o problema cultural deve ser encarado como um problema histórico. Para compreender a história o pesquisador não pode conhecer as coisas como são, mas como vieram a ser. Podemos inferir as suas causas por métodos indiretos. O pesquisador precisa considerar o problema da relação do indivíduo com a sociedade. Os indivíduos reagem à totalidade de seu ambiente social, seja pelas diferenças de opinião, pelas estratégias e pelos modos de ação social. Os resultados da interpretação simbólica e histórica também dependem da subjetividade do pesquisador, que ordena os fenômenos de acordo com os conceitos dominantes na pesquisa.

No artigo *Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais* (1930), Boas reafirmou sua posição de que “o indivíduo só pode ser compreendido como parte da sociedade à qual pertence, e que a sociedade só pode ser compreendida com base nas inter-relações dos indivíduos seus constituintes”. Defendeu o exame crítico das leis gerais – que estão presentes na humanidade como um todo e das leis particulares – que estão restritas a determinadas sociedades ou culturas. Considerou que seu método de pesquisa estava baseado na arqueologia pré-histórica, isto é, na busca exaustiva e detalhada de vestígios dos traços psicológicos, geográficos e históricos da cultura. O autor reafirmou sua teoria anti-racista: a cultura predomina sobre a raça e sobre o meio geográfico. Ademais, qualquer “tentativa” científica para explicar os processos culturais a partir de uma base biológica fracassará. Os estudos de Karl Ritter, Guyot, Vidal de la Blache e Jean Brunhes reforçaram as evidências que confirmavam as influências dos fatores geográficos nas culturas. Boas alertou os pesquisadores sobre as limitações das perspectivas fechadas, isto é, voltadas apenas para os aspectos restritos, desconsiderando a multiplicidade de fatores.

Em *Os objetivos da pesquisa antropológica* (1932), Boas reafirmou suas convicções sobre a importância da pesquisa histórica para a antropologia. Para Boas, “precisamos basear a investigação da vida mental do homem sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura”. E concluiu: “a matéria-prima da antropologia é tal, que ela precisa ser uma ciência histórica, uma das ciências cujo interesse está centrado na tentativa de compreender os fenômenos individuais, mais do que nos estabelecimento de leis gerais”¹².

¹² Boas, F. *Antropologia cultural*. Organização e tradução: Celso Castro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

3. Rastreamento das influências de H. Spencer e F. Boas no pensamento de Gilberto Freyre.

Aos dezesseis anos Freyre já havia manifestado sua aversão aos sectarismos. Seu contato com a obra de Tolstói fomentou uma crescente admiração pela religião Batista. Freyre comentou: “Compreende-se assim que os cristãos Batistas sejam fortes na Rússia de Tolstói. Eles levam Cristo ao povo. Infelizmente são uma seita como todas as seitas, sectária. Repugnam-me os sectarismos sem que deixe de admirar os Batistas” (Freyre, 1975: 11).

Em 1918, Freyre registrou em seu diário algumas críticas aos “cientificistas” ou “modernistas”. Críticas aos sectarismos e as rígidas ortodoxias ¹³ no conhecimento:

Tenho pena dos “cientificistas” ou dos “modernistas” para que isso de literatura mística é arcaísmo, indigno de um “moderno” de “formação científica”. São uns coitados, esses, que não se apercebem do fato de que o que eles consideram “moderno” com tanta ênfase, é instante que depressa amadurece em antigo e apodrece em arcaico. O que é certo também da chamada “verdade científica”. Enquanto os místicos nos põem em contacto como o mundo que nos faz esquecer tantos valores modernos como os científicos, não por serem valores de todo sem interesse ou sem verdade, mas pela sua insignificância ao lado dos valores que só as intuições dos mais-do-que-poetas alcançam (Freyre, 1975: 23).

A crítica de Freyre revela a assimilação do critério da “*relatividade do conhecimento*” defendido por Spencer. Sua leitura dos *Primeiros princípios* (de Spencer) contribuiu para sua apreciação de alguns pensadores espanhóis. O

¹³ A preocupação com o sectarismo e as rígidas ortodoxias aparece em seus registros como um sintoma, como algo que se repete que incomoda. Na semiótica médica aprendemos que os sintomas configuram-se como sinais, isto é, como indícios que permitem a identificação e interpretação de aspectos maiores. O jovem que estava preocupado com o “problema do conhecimento” recusou todas as formas de sectarismo. Este comportamento denota uma insipiente postura intelectual de Freyre: o pensamento experimental, incompleto e eclético. Era o início da construção de uma teoria híbrida, pautada pela busca da complementaridade e pelo pluralismo teórico-metodológico.

sentido mais puro do misticismo¹⁴ de autores como San Juan de La Cruz, Santa Teresa, Frei Luís de León, Luis de Granada, Padre Nuremberg, Estella, Lulio e Gracián: a capacidade de ver no escuro.

Em 1920, Freyre concluiu seus estudos de graduação. Neste mesmo ano viajou para Nova Iorque e ingressou imediatamente na Universidade de Columbia – para os estudos de mestrado e doutorado. Iniciou os estudos de *Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais*. Logo percebeu a importância de grandes mestres e professores: Franz Boas, Seligman, Giddings, J. Bassett Moore, John Munro, J. Dewey, Hayes e Alfred Zimmern (este de Oxford). Columbia era uma das universidades mais conceituadas dos EUA.

O princípio spenceriano da *conciliação* também se manifestou nos estudos antropológicos do jovem estudante. Freyre estudou Antropologia física e Biologia humana com Bradbury e os médicos da Faculdade de Medicina de Baylor (Dallas) na graduação. Seu contato com o antropólogo alemão Franz Boas¹⁵ despertou a necessidade de estudar mais Antropologia social e cultural. Apreciava a contribuição da História. Desejava uma perspectiva mais ampla. Um estudo a partir da *conciliação*: “se a tanto me ajudar o engenho para que a ciência complete a arte”. Mas não “Ciência em detrimento da Arte nem de Arte desacompanha da Ciência, mas das duas: essenciais à compreensão do Homem pelo Homem” (Freyre, 1975: 44).

Em 1921, Freyre registrou em seu diário a importância que atribuía aos atores sociais e a complementaridade. Criticou os pensadores que valorizavam apenas os grandes vultos ou os acontecimentos políticos, econômicos e militares. Freyre defendeu a pesquisa histórica e sociológica da mulher, da

¹⁴ Este misticismo diz respeito a discussão de temas relacionados as crenças e a religião. Freyre apreciava esta discussão e considerava sua plausibilidade a partir do princípio da conciliação aprendera com suas leituras de Spencer.

¹⁵ G.Freyre acompanhou dois cursos com Franz Boas, na Columbia University. Leu atenciosamente a obra *The mind of primitive man*, em 1921. Absorveu várias influências da antropologia culturalista do mestre alemão. Além das influências rastreadas neste estudo – influências diretamente relacionadas a pesquisa de campo – podemos destacar o agnosticismo científico e a aversão à teorização abstrata de Boas aparecem em Freyre na predileção pela descrição e na aversão às generalizações.

criança, dos artistas, dos escravos, do artesão, ou seja, dos atores sociais desprezados ¹⁶ pela História positivista.

É um erro. Deixa-se quase inteiramente fora do projetor histórico, isto é, na sombra, a mulher; deixando-se quase na sombra os intelectuais, os lavradores, os artistas, os homens de ciência, os artesãos, os industriais, os comerciantes; os servos, os escravos; e ignora-se a presença – a simples presença – da criança, do menino, do adolescente. É preciso que se reaja contra isto. Porque não há compreensão possível do Homem, deixando-se de procurar compreender a Mulher e o Menino. Como não é possível compreender-se o Senhor, sem se compreender o Escravo (Freyre, 1975: 60).

Em 1928, Freyre revelou sua pretensão de um pluralismo teórico e metodológico: a conjugação de diferentes áreas do conhecimento.

...nova técnica ou nova combinação de métodos – o antropológico baseado no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico – para a capacitação e a revelação de um social total. Ou do humano: o mais intimamente humano. Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelação do social por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e tempo. (Freyre, 1975: 222).

Freyre sempre atribuiu importância fundamental aos detalhes corriqueiros do cotidiano e da intimidade. Importância que aprendera com seu mestre Boas. Aprendeu também a valorizar a pesquisa de campo: a pesquisa detalhada, minuciosa e exaustiva dos traços culturais a partir da investigação das

¹⁶ Freyre ensaiou em *Casa-Grande & Senzala*, a discussão de uma história do cotidiano e privilegiou temas valorizados por historiadores franceses representantes da *Nova História*, um movimento que surgiu na França a partir de 1960, difundido pelos herdeiros da *Escola dos Annales*, iniciada nos anos 30, por Marc Bloch e Lucien Febvre. Fernad Braudel interessou-se pela história da vida material, enquanto Georges Duby e Philippe Ariès privilegiaram a história da família, da sexualidade, do amor, do corpo e das mulheres. Duby e Ariès organizaram a obra coletiva “*História da vida privada*”, que inspirou a coleção *História da vida privada no Brasil* (1997), dirigida por Fernando Novais. Freyre também abordou a intimidade e o cotidiano da família patriarcal colonial destacando objetos desprezados pela história oficial: a mulher, o escravo, a criança etc. Realizou o que Fredrik Barth (na Antropologia) e Carlo Ginzburg (na História) consideraram fundamental para o conhecimento científico contemporâneo: a microanálise social.

particularidades históricas, psicológicas e geográficas da sociedade estudada. Aspectos do dia-a-dia que o antropólogo Bronislaw Malinowski chamou de “*imponderáveis da vida real*”¹⁷.

Em 1933, Freyre registrou no prefácio de *Casa-Grande & Senzala* a importância do “grande mestre” Franz Boas para a superação das angústias suscitadas pelas as teorias racistas que ainda predominavam na intelectualidade brasileira desde o século XIX. Pensadores como Oliveira Viana e Nina Rodrigues estavam tomados pelo pessimismo em relação aos brasileiros e ao Brasil. Deploravam nosso atraso e nossa inferioridade racial. Louvavam a “raça superior”: a branca. Raça que construiu a Europa. Consideravam que o atraso brasileiro era resultado da mistura racial. Nossa “indolência” e “preguiça” vinham da degeneração genética. As “deficiências físicas”, “racionais” e “morais” do brasileiro resultavam do contato do branco colonizador com as raças inferiores, atrasadas: o índio e o negro.

Freyre escreveu sua impressão dos marinheiros de guerra do Brasil que caminhavam pela neve do Brooklin (Nova Iorque). Pequenos, franzinos e sem o vigor físico dos autênticos marinheiros. Quais as causas deste raquitismo? Seria mal de mestiçagem?

Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas Gerais* [navios da Marinha de Guerra Brasileira] pela neve do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “*the fearfully mongrel*”

¹⁷ Para Malinowski, o pesquisador deve observar e registrar os “imponderáveis da vida real” e o “comportamento típico” na sociedade estudada. Malinowski reconheceu que a subjetividade do pesquisador interfere na observação e até mesmo na coleta dos dados. Mas o pesquisador deve empenhar-se “no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmos”. O observador precisa estar atento aos pequenos incidentes: a rotina do trabalho diário, os cuidados com a higiene corporal, o preparo do alimento, as conversas corriqueiras, os laços de amizade e as inimizades etc. Para Malinowski, os detalhes ínfimos do dia-a-dia podem revelar o comportamento e as emoções dos membros do grupo e da sociedade (Malinowski, B. *Os argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2 ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 29-31).

aspect f much of the population”¹⁸. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família (Freyre, 1995, p. xvii-iii).

Uma das maiores contribuições da antropologia de Freyre foi sua constatação de que o Brasil de 30, não era um país de brancos, negros e índios, mas um país mestiço. Uma sociedade híbrida. Com uma miscigenação ética, racial e cultural descomunal: uma nova civilização nos trópicos. Freyre superou as proposições racistas dos pioneiros das ciências sociais brasileiras, e elaborou uma teoria que considerou a miscigenação como positiva¹⁹. Para o autor, ser mestiço é que é bom.

A miscigenação representa riqueza humana em todos os sentidos. Riqueza que qualifica o Brasil como a civilização do futuro – civilização da “*conciliação*” multicultural e multirracial. Segundo Spencer, a conciliação é o caminho para a evolução. A civilização tropical deveria orgulhar-se de sua identidade híbrida e caminhar para uma maior evolução social. Freyre demonstrou que a cultura supera a raça. O atraso nacional e o nosso subdesenvolvimento são problemas de outra ordem, isto é, de ordem histórica-social.

¹⁸ “*O aspecto terrivelmente cruzado da maioria da população*”. A frase de Charles Samuel Stewart (1795-1870), capelão da marinha dos Estados Unidos, do livro *Brazil and La Plata: the personal record of a cruise* (1856).

¹⁹ Fernando Henrique Cardoso reconhece que Freyre “teve a capacidade de entender algumas peculiaridades brasileiras, mesmo com exageros, que o puseram, realmente, na vanguarda de muitos terrenos da sociologia”. Para Cardoso, ele “estava muito a frente da USP no que diz respeito à idéia de miscigenação como um valor” (Cardoso, F. H. *FHC fala sobre Gilberto Freyre*. Entrevista a Mario César Carvalho. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo, 12 de março de 2000. p. 9-10).

Manuel Bandeira compreendeu a influência da antropologia de Boas no pensamento do discípulo brasileiro. Bandeira escreveu um poema²⁰ que revela com simplicidade a contribuição da obra de Freyre para a superação do racismo presente na intelectualidade brasileira e no imaginário popular do início do século XX.

“Casa-Grande & Senzala”

Grande livro que fala
Desta nossa leseira
Brasileira.

Mas com aquele forte
Cheiro e sabor do Norte
– Dos engenhos de cana
(Massangana!)

Com fuxicos danados
E chamegos safados
De mulecas fulôs
Com sinhôs!

A mania ariana
Do Oliveira Viana
Leva aqui a sua lambada
Bem puxada.

Se nos brasis abunda
Jenipapo na bunda,
Se somos todos uns
Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?
Essa história de raça,
Raças más, raça boas
– Diz o Boas –

É coisa que passou
com o franciú Gobineau.
Pois o mal do mestiço
Não está nisso.

Está em causas sociais,
De higiene e outras que tais:
Assim pensa, assim fala
Casa-Grande & Senzala.

Livro que a ciência alia
A profunda poesia
Que o passado revoca
E nos toca.

A alma do brasileiro,
Que o portuga femeeiro
Fez e o mau fado quis
Infeliz!

²⁰ “*Casa-grande & senzala*”, poema publicado em 1949. (Bandeira, M. *Mafuá do malungo. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974. p. 397).

4. A antropologia de Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre revelou mais uma vez sua tendência integradora do conhecimento. Tendência que se manifestou no pluralismo teórico e metodológico que o autor sempre buscou: uma síntese de métodos na Antropologia Científica como Pablo Picasso empregou nas Artes Plásticas. A fusão de métodos analítico e orgânico na interpretação do homem. A *relatividade* e a *conciliação* dos ensaístas ingleses como Spencer, G.K. Chesterton, L. Hernan, A. Benett; a *pesquisa detalhada e minuciosa* dos aspectos psicológicos, geográficos e históricos da cultura segundo o culturalismo de F. Boas e seus discípulos: Herskovits, Wissler, Kroeber, Mead; a *histoire intime* dos Goncourt; a *sociologie intime* de Huysmans; a *literatura introspectiva* de escritores como Marcel Proust; o *misticismo* de Santa Tereza, San Juan de la Cruz, Frei Luís de Leon etc. Estes são alguns exemplos de que Freyre encarou o problema do conhecimento do ponto de vista da complementaridade – a interdisciplinaridade.

Esse ecletismo freyreano pode ser facilmente identificado. Freyre escreveu uma obra que se destaca pelas descrições minuciosas, pelo estilo oral, coloquial, íntimo, pessoal. Uma introspecção meticulosa e emocionada do passado. O autor descreve os acontecimentos com realismo como se tivesse presenciado cada fato. Temas como a família patriarcal, a escravidão, a religião aparecem conjugados com afirmações surpreendentes²¹. A sociedade colonial – agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração e híbrida de índios, portugueses e negros. Os índios destacando-se pela afetividade e mobilidade. O colonizador português pela plasticidade e miscibilidade. E os negros? Os negros formaram o braço direito que construiu o Brasil. O português e o índio o esquerdo. Mas o negro superou os outros grupos étnicos na técnica, na cultura material e na adaptação à atividade agrícola nos trópicos.

Alguns opositores tomados pelo afã da criticidade – blindada pela resistência ideológica – insistem na crítica descabida de que Freyre manifesta um racismo

²¹ Frases como: “*O Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado...*”; “*Não há escravidão sem depravação sexual...*”.

velado em sua obra. Sabemos que Freyre introduziu a discussão do índio e do negro nas ciências sociais brasileiras. Uma discussão que rompeu decisivamente com o pessimismo e a eugenia dos intelectuais brasileiros de sua época.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sobra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. (Freyre, 1995:283).

O realismo e a poesia aparecem em *Casa-grande & senzala* como nuances e tonalidades da história social na colônia. Das raças (e etnias) discutidas por Freyre, nenhuma recebeu mais atenção, mais apreço, mais poesia que a negra. O realismo do autor manifestou-se nas denúncias de violência:

...senhores mandando queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas. p. lxvii.

Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos de senhores de engenho, os muleques serviam para tudo: eram bois de carros, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. p. 336.

Sinhás-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiaria. p. 337.

Introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual, a seu dispor, a seu favor não se levantou nunca, como a favor das mulheres índias, a voz poderosa dos padres da Companhia. De modo que por muito

tempo as relações entre colonos e mulheres africanas foram as de franca lubricidade animal. p. 427.

E a poesia, na descrição da afetividade. Descrições quase poéticas. Sensibilidade negra na casa-grande brasileira.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tiro-lhes as espinha, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles [...] A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentem, nenem, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha [...] Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas,; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manes; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chico; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das laiás, dos loiôs, das Sinhás, das Manus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês. p. 331-2.

Os germes de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade porventura maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros. p. 355.

Hermano Vianna ²² afirma que *Casa-Grande & senzala* é um ensaio marcado pela ausência de “conclusões enfáticas”. A obra foi elaborada com a preocupação de salvaguardar o “equilíbrio de antagonismos”. Freyre farejou “quase que desesperadamente” qualquer indício de confraternização. Para Vianna, esta postura metodológica de Freyre não representa a negação da violência e do conflito. Freyre não seria tolo a tal ponto. Aliás, não há sociedade totalmente isenta do conflito. Mas há sociedades onde os conflitos são equilibrados pela conciliação entre etnias e classes. Os acusadores de Freyre querem nos fazer crer que a violência subjuguou todas as relações sociais na

²² Vianna, Hermano. *Equilíbrio de antagonismos*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo, 12 de março de 2000. p. 21-2.

colônia – violência que predominou e aniquilou todas as possibilidades de afeto; que os encontros amorosos, as paixões arrebatadoras, as trocas afetivas são devaneios de Freyre.

Como antropólogo culturalista, Freyre sabia que os detalhes do cotidiano são tão reveladores quanto as macroestruturas econômicas e políticas. O autor reconheceu a violência, mas estava mais interessado na conciliação. Por isso, valorizou a intimidade, pois a afetividade entre senhores e escravos, sinhazinhas e mucamas, meninos e amas de leite só poderia ser encontrada na intimidade da casa-grande. A história política ou militar não poderia revelar esta intimidade. A “meta-física social” de Freyre é relativista: a história social não é isto ou aquilo, mas geralmente isto e aquilo.

Evaldo Cabral de Mello ²³ afirma que a formação gilbertiana está mais voltada para a antropologia que para a sociologia. Como discípulo do antropólogo Franz Boas, Freyre rompeu drasticamente com a antropologia evolucionista do final do século XIX. A pesquisa de campo descritiva e detalhada permitiu a reconstrução das estruturas sociais, no sentido da imbricação dos vários níveis. Os métodos diacrônicos convencionalmente encarados como próprios das sociedades históricas sofreram forte abalo. Para Mello, a originalidade de Freyre residiu no fato de aplicar a perspectiva sincrônica da nova antropologia na análise de uma sociedade histórica de grande porte. Freyre preferiu as “tonalidades em detrimento das seqüências”; a “descrição em prejuízo da narração”; o “desprezo pela cronologia, reduzida na sua obra à tripartição Colônia, Império e República Velha”; e a “recusa da história política”.

Claudia Lépine discute a inovação de Freyre ao pesquisar detalhes da alimentação. Pormenores sobre os tipos e preparos de alimentos na história social do Brasil. Freyre considerou os alimentos como indícios sociais reveladores. A problemática da alimentação aparece – de forma difusa – em diversos capítulos de *CGS* e *Sobrados e Mucambos*: os alimentos tomados como pistas para pensar o passado brasileiro. Um passado esmiuçado a partir

²³ Mello, Evaldo Cabral de. *O ovo de Colombo gilbertiano*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo, 12 de março de 2000. p. 9-10.

da análise de detalhes geralmente desprezados pela história oficial. Freyre prefaciou nestas obras a construção de uma *Etnografia, História e Sociologia da alimentação nas ciências sociais brasileiras*.

Para Lépine, a inovação etnográfica do autor “não foi compreendida, e Freyre foi até ridicularizado por ter se ocupado de um assunto indigno de um intelectual, no limite, coisa de mulher”. A abordagem sensível de Lépine revelou-se na sábia proposição: “os alimentos são bons não só para comer, mas também para pensar”.

A culinária é também uma linguagem que traduz, entre outras coisas, a estrutura social [...] A escolha e os modos de preparo dos alimentos, os sabores, texturas, cores, revelam as diferenças sociais; variam em função da posição da família na hierarquia social: gente de casa-grande ou de sobrado, branco pobre, negro liberto dos cortiços, comida dos escravos. Os alimentos de maior prestígio são, é claro aqueles importados do reino [...] Os portugueses insistiram por muito tempo em manter seu apego aos sabores europeus, com os quais, por outro lado, marcavam sua distância em relação à massa pobre dos plebeus e dos escravos...

O modo de consumo é determinado pelo status; o consumo ostentatório, o desperdício, a famosa “hospitalidade” dos ricos donos dos sobrados onde não se tirava nunca a toalha da mesa são uma linguagem que reafirma diariamente a prosperidade e a superioridade do dono da casa, o seu poder sobre os seus dependentes. O consumo tem por função essencial produzir sentido; é um meio de comunicação não-verbal. Os hábitos alimentares são, assim, poderosos elementos de identificação étnica, ou de classe...

Fronteiras alimentares fortes correspondem a fronteiras socioculturais fortes. Diz-se que somos o que comemos. Gilberto Freyre definirá a civilização brasileira como uma civilização dos carboidratos: mandioca, milho, inhame, batata doce, feijão, farinha, farofa, arroz etc., e a civilização do Nordeste, em particular, como civilização do açúcar.

24

²⁴ Lépine também considerou as proposições de Freyre a cerca da problemática da alimentação na obra *Açúcar: em torno da etnografia, da história e da sociologia do doce no nordeste canavieiro do Brasil* (1969). (Lépine, Claude. *Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre*. In: Volfzon, Ethel et al. (Orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. p. 288-295).

No artigo *Gilberto Freyre, historiador da cultura* (2002), o professor Geraldo Antônio Soares chama a atenção para algumas aproximações entre Freyre e a tradição historiográfica francesa conhecida como *Escola dos Annales*. Lucien Febvre – um dos precursores do movimento – também considerava que a história de um povo revela-se mais pelo estudo do cotidiano e da rotina de vida do que pela história política e militar. Os historiadores devem pesquisar a sensibilidade coletiva de um povo em seu contexto particular. Freyre revelou a mesma preocupação na obra *Casa-Grande & Senzala*. Para Freyre, esta sensibilidade coletiva só poderia ser interpretada pelo estudo da história íntima.

Soares lembra as considerações de Clifford Geertz, no livro *A interpretação das culturas* (1973), sobre o homem e a cultura: “o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo criou”. Geertz considera que “nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com os quais nascemos”²⁵. Para Freyre, estas tendências se manifestaram principalmente no contexto das relações históricas, culturais e inter-raciais entre a casa-grande e a senzala: o escravo africano humanizou o europeu. Afetividade, humanização e miscigenação foram apresentados por Freyre como *expressão sincera de vida* que caracteriza positivamente o que somos.

Soares lembra alguns problemas decorrentes das contradições presente no pensamento de Freyre. Para Soares, seria uma leviandade acusar Freyre de racismo. Mas algumas críticas procedem. Críticas às proposições freyreanas sobre os filhos de padres com mulheres de cor: pessoas notáveis que se destacaram na política, nas letras, na política – elemento geneticamente superior. Também suas afirmações de que a organização agrária do Brasil fundamentou-se na divisão social em “senhores todo-poderosos e escravos passivos”. A linguagem poética, íntima e pessoal homogeneiza os sentimentos. O autor tratou do universo histórico-social colonial centrado na casa-grande. A senzala foi interpretada da varanda da casa-grande. A visão de Freyre

²⁵ Geertz, C. apud Soares, Geraldo A. *Gilberto Freyre, historiador da cultura*. Revista Afro-Ásia, 27 (2002), 225.

representa um lugar e um espaço social que não diz respeito à maioria dos brasileiros. Ademais, Freyre enalteceu as qualidades dos portugueses acima de outros povos colonizadores; amenizou e adocicou a violência ao enfatizar os encontros confraternizantes entre senhores e escravos; preferiu a análise dos escravos voltados à vida doméstica no interior da casa-grande; reafirmou a necessidade política e econômica da colonização latifundiária e escravocrata; manifestou um olhar carregado de ambigüidades; valorizou mais o negro do que o índio na formação da sociedade brasileira.

Soares não se omite as críticas, mas reconhece os méritos do autor e sua obra. Lembra o prefácio da edição francesa de *Casa-Grande & Senzala*, escrito em 1952, por Lucien Febvre. O *inacabamento* de Freyre chamou a atenção de Febvre que admirava a ausência de formas esquematizadas e de conclusões fechadas. O estilo de Freyre fascinou o pensador francês pela forma como sua obra revelou a sociedade que se formava nos trópicos, que “oferecia aos olhos uma paleta de tons *dégradés*, do vermelho acobreado ao branco rosado. Nuanças de pele? Mais que isso: nuanças da alma”. Tons de alma, “cacos de crenças” e “nacos de concepções de mundo e de vida”. Cacos e nacos que frutificavam, gerando novos “modos de ser, sentir e pensar”²⁶.

Considerações finais

Lançando mão das discussões do livro *O trabalho do antropólogo* (2000), de Roberto Cardoso de Oliveira podemos analisar as especificidades da antropologia de Gilberto Freyre.

O trabalho de campo requer a domesticação teórica do olhar. O objeto da investigação empírica é apreendido pelo esquema conceitual do pesquisador. Na antropologia o “*olhar etnográfico*” representa o início de um mergulho no mundo do “*outro*”. Mundo que se revela ao etnólogo pelo olhar devidamente sensibilizado pela teoria antropológica disponível. Olhar cientificamente

²⁶ Lucien Febvre apud Geraldo A. Soares. In: *Gilberto Freyre, historiador da cultura*. Revista Afro-Ásia, 27 (2002), 247.

treinando. Olhar atento aos rituais, aos artefatos materiais, as técnicas, aos comportamentos corriqueiros, as atividades do cotidiano, as conversas, aos hábitos de higiene, alimentação, vestuário etc.

Mas o olhar não apreende todos os aspectos de uma cultura. Cultura estranha. Cultura de um “*outro*” a ser desvendado. O olhar não pode revelar aquilo que só o ouvir alcança. Olhar e ouvir são momentos da mesma pesquisa. São “etapas” interdependentes da pesquisa antropológica. São duas “muletas” necessárias para a pesquisa. O trabalho de campo é difícil – marcado por “muitas quedas”. Os antropólogos compreenderam no campo a importância dos sentidos que os indivíduos atribuem a sua realidade. As explicações fornecidas pelos próprios membros da cultura pesquisada revelam ao pesquisador o “*modelo nativo*” – “matéria-prima para o entendimento antropológico”. Explicações apreendidas pelo ouvir. Mas um “ouvir todo especial”. Oliveira lembra que é preciso “saber ouvir”. O nativo não pode ser tomado como mero informante. A relação entre o pesquisador e o informante deve assumir a condição de diálogo: o nativo como “*interlocutor*”. O ouvir requer que o pesquisador e o nativo abram-se um ao outro. O “*encontro etnográfico*” manifestado no olhar e no ouvir só poder ser garantido pela “*observação participante*” – que significa observar participando.

O “escrever” constitui o terceiro momento da pesquisa antropológica. Oliveira lembra que o homem não pensa sozinho. Como membro de um grupo o pesquisador pensa no interior de uma “representação coletiva”. Ao retornar do campo o pesquisador enfrentará os desafios do processo de escrever. Processo que exige a interpretação dos dados coletados no campo. O pesquisador deverá escrever o texto final da pesquisa a partir do conjunto de informações coletadas pelo olhar e o ouvir.

O ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar. O escrever e o pensar são atos solidários. O ato de escrever é um ato cognitivo. Por isso, o pesquisador não escreve e reescreve repetidamente apenas para aperfeiçoar o texto. É preciso “melhorar a veracidade das descrições e da narrativa, aprofundar a análise e consolidar argumentos”. Mas o olhar, ouvir e o escrever

antropológicos estão sintonizados pelo sistema de idéias e valores – a “idéia-valor”, segundo Louis Dumont – próprios da antropologia. Oliveira considera duas “idéias-valor” que marcam o fazer antropológico: a observação participante e a relativização.

As considerações de R.C. de Oliveira auxiliam sobremaneira na análise antropológica do pensamento de Gilberto Freyre. Sabemos que o olhar freyreano é um olhar multifacetado: olhar internacionalizado, olhar regional, olhar pernambucano, olhar etnográfico. Freyre transgrediu os princípios rígidos do *olhar distanciado e exógeno*, sem compromisso com a causa estudada. O aspecto morfológico da pesquisa científica de Boas – revelada pelo valor estético e autenticador das expressões peculiares do homem – adquiriu em Freyre uma nova dimensão, quando do encontro com a realidade brasileira.

Freyre realizou muitas pesquisas de campo ²⁷. Experiências diretamente relacionadas com o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever”. Com o auxílio do irmão de Ulisses fotografava vestígios da cultura colonial no velho Recife e nas regiões rurais de Pernambuco: fotografias do Beco do Serigado, da casa-grande de Megaípe, de janelas mouriscas, de portões, de telhados, de sobrados, de negras de tabuleiros, de “raparigas” mulatas com panos atados à cabeça, de recantos do Recife. Freyre sentia-se muito atraído pelas “reminiscências mouriscas nas ruas velhas do Recife”, sobretudo pelas janelas. Também visitava velhos engenhos e povoações típicas da zona rural de Pernambuco para entrevistar os moradores mais antigos destas regiões. Conversas sobre o folclore, as crenças, os acontecimentos: o imaginário popular. Ouvia também os moradores das regiões urbanas. Em diversos pontos da cidade do Recife observava e entrevistava pessoas sobre a história da região. Considerava importante manter contato com donas-de-casa, vendedores, pescadores, religiosos, artistas, políticos, entre outros, para interpretar o cotidiano social.²⁸

²⁷ No período: 1923-30.

²⁸ No Brasil, há muito convivo com gentes de xangô, em Pernambuco, e de candomblé, na Bahia, e de macumba, em Niterói. Com babaloxixás como Adão do Recife e Martiniano do Bonfim, da Bahia. Com negras quituteiras. Com mulatas quase do menino tipo das que Lafcadio Hearn amou voluptuosamente em Martinica. Com barcaceiros alagoanos [...] Com *gangs* de adolescentes desajustados. Com operários recifenses ingenuamente entusiastas do P.C. Com cariocas boêmios, tocadores de violão. Com gentes de clubes populares afro-

Freyre observou atentamente os detalhes ínfimos da paisagem social. Conversou com muitos nativos. Tomando-os como interlocutores. O fazer antropológico revelou-se na “*observação participativa*” e na “*relativização*” do conhecimento em todas as áreas do saber.

As discussões apresentadas neste trabalho são incipientes. Nosso objetivo foi parcialmente alcançado. Identificamos alguns traços antropológicos do pensador brasileiro marcado pela complementaridade: revolucionário e conservador; sociólogo e antropólogo; historiador social e escritor. Mas um antropólogo sempre aberto a novos olhares: “... se depender de mim, nunca ficarei plenamente maduro nem nas idéias nem no estilo, mas sempre verde, incompleto, experimental” (Freyre, 1975: 180).

brasileiros, de carnaval, no Rio de Janeiro e no Recife. Com gentes de trabalho em velhos engenhos do Nordeste e fazendas dos arredores de Petrópolis; e, ao mesmo tempo, com velhos senhores, velhos senhores decadentes, já evitados pelos próprios netos, senhores velhos junto dos quais tenho chegado a ser quase um substituto de netos e bisnetos ingratos. Também com velhas baronesas brasileiras, velhas iaiás, ex-escravas. Venho recolhendo de vários deles confissões preciosas. Agora estou fazendo o mesmo em Lisboa, com condessas, com sábios e com prostitutas (Freyre, 1975: 249).

Referências

BANDEIRA, Manuel. *Mafuá do malungo. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Organização e tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Quase mito*. Caderno mais! Brasil: frente e verso. Folha de São Paulo, p. 4-7, Setembro (28). 2003.

_____. “FHC fala sobre Gilberto Freyre. Entrevista a Mario César Carvalho”. In: **Céu & Inferno de Gilberto Freyre**. Caderno mais! Folha de S. Paulo, março (12). 2000.

CARVALHO, Mario Cesar. “FHC fala sobre Gilberto Freyre”. In: **Céu & Inferno de Gilberto Freyre**. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

CHAGAS, Mário e REIS, Carlos Antônio (Orgs). *50 anos de casa-grande & senzala: exposição itinerante*. Recife: Editora Massangana, 1983.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

LÉPINE, Claude. “Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre”. In: Kosminsky, Ethel V. et al. (Orgs). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

MALINOWSKI, B. *Os argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MELLO, Evaldo Cabral de. “O ovo de Colombo gilbertiano”. In: **Céu & Inferno de Gilberto Freyre**. Caderno mais! Folha de S. Paulo, março (12). 2000.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. “Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano”. In: Kosminsky, E. V., Lépine, C., Peixoto, F. A. **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SOARES, Geraldo Antônio. *Gilberto Freyre, historiador da cultura*. Revista Afro-Ásia, 27 (2002), 225.

VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Publicafolha, 2000.

VIANNA, Hermano. “Equilíbrio de antagonismos”. In: **Céu & Inferno de Gilberto Freyre**. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.